



INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ BLAISE PASCAL



Em 19 de junho de 1623, Blaise Pascal nascia em Clermont (hoje Clermont-Ferrand, no sul da França). Sua obra não pode ser facilmente categorizada: os trabalhos de Pascal podem ser encontrados, dependendo da biblioteca em que forem consultados, nas seções de filosofia, religião, física ou matemática – todas fazendo jus ao pensador. Tal dificuldade em classificá-lo talvez até mesmo agradasse ao autor que escreveu que “a verdadeira moral zomba da moral” e que “zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar” (Laf. 513/Br. 4)¹: Pascal é alguém que reflete, sobretudo no que nos chegou de seus *Pensamentos*, de maneira assistemática, de modo que é, portanto, com um toque paradoxal que cabe apresentar estudos sobre ele. Ao mesmo tempo, Pascal escreveu que “todo autor tem um sentido em que todas as passagens concordam, ou ele não tem absolutamente sentido nenhum” (Laf. 257/Br. 684), de modo que mobilizar esforços para interpretar a sua obra parece estar em conformidade com seu espírito.

Mas que podemos dizer nós, quatrocentos anos após o nascimento de Pascal?

Poderia parecer que sobre Blaise Pascal [...] tudo que poderia ser dito foi dito. Os detalhes da sua vida são tão bem conhecidos quanto se pode esperar conhecê-los; suas descobertas matemáticas e físicas foram tratadas diversas vezes; seu sentimento religioso e suas visões teológicas foram discutidas repetidas vezes; e seu estilo de prosa foi analisado por críticos franceses até o seu detalhe mais específico. Mas Pascal é um desses escritores que será e que deve ser estudado novamente por homens de cada geração. Não é ele que muda, mas nós que mudamos. Não é nosso conhecimento sobre ele que aumenta, mas nosso mundo que se altera e nossas atitudes em relação a ele. A história das opiniões humanas sobre Pascal e sobre homens de sua estatura é uma parte da história da humanidade. Isso indica sua permanente importância.

Assim escrevia T. S. Eliot em uma introdução ao *Pensamentos* de Pascal². Evidentemente, falar sobre Pascal é distinto em cada época da história, e voltar a um autor de tal estatura é dialogar com uma tradição de trabalhos. Os estudos reunidos no presente volume não propõem novas

¹ A questão da edição dos *Pensamentos* é complexa. Os artigos apresentados no presente volume fazem referência à edição de Louis Lafuma (Laf.), que segue os maços deixados por Pascal e que existe em tradução para o português (Blaise Pascal, *Pensamentos*. Trad. Mario Laranjeira. 2a. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005). Alguns dos artigos também fazem referência à edição de Léon Brunschvicg (Br.), igualmente existente em português (Blaise Pascal, *Pensamentos*. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1973), ou a outras edições.

² *Pascal's Pensées*. New York, E. P. Dutton, 1958, p. vii.

fontes de documentação sobre a vida ou a obra de Pascal, mas são, todos eles, fruto de trabalhos interpretativos da obra de Pascal, sobre a qual ainda vale a pena voltar, e que continua nos dando frutos.

O ano de 2023 marcou o quadricentenário do nascimento de Pascal. Mas o que significa celebrar o aniversário tão distante de um pensador? Ao redor do mundo, diversas publicações e congressos foram realizados, aproveitando a efeméride para dedicar maior atenção ao autor. Do ponto de vista da tradição dos estudos sobre Pascal, esperamos que tal movimentação possa significar um avanço, humilde, na direção da compreensão da obra – modesto porque representando um pequeno passo, mas grande na medida em que se apoia sobre mais de três séculos de comentários sobre nosso autor, morto em 1662. Como ele próprio escrevia no seu prefácio ao Tratado do Vácuo, no que diz respeito às ciências naturais, dos “antigos” não deveríamos imitar puramente as suas opiniões (como por exemplo a de que a natureza teria “horror ao vácuo”), mas principalmente a sua atitude – pois se eles tivessem encontrado as mesmas evidências que “nós”, os modernos, eles próprios teriam pensado diversamente.

Como eles [os antigos] não se serviram daqueles [frutos de suas descobertas] que lhes haviam sido legados senão como meios para encontrar novos, já que essa feliz ousadia lhes havia aberto o caminho para grandes coisas, nós devemos tomar os que eles produziram para nós da mesma maneira, e, seguindo seu exemplo, fazer deles os meios e não fim de nosso estudo, e assim, imitando-os, tentar ultrapassá-los.³

Neste sentido, além de ler diretamente a obra de Pascal (o que, decididamente, continua a valer a pena neste quarto centenário, e cabe dizer que incentivamos fortemente aos que ainda não o fizeram que abram imediatamente os *Pensamentos* para se deixarem perder por Pascal), acreditamos que os estudos *sobre* Pascal podem acrescentar conhecimentos sobre os entendimentos acerca da obra do autor – inclusive, justamente, por se basearem em trabalhos anteriores.

Nos dias 23 e 24 de junho de 2023, pudemos organizar um Colóquio comemorativo dos 400 anos do nascimento de Blaise Pascal na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sediado pelo Labô – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia, a quem gostaríamos de agradecer⁴. Uma chamada de trabalhos para o colóquio recebeu diversas propostas, e por dois dias estivemos expostos a olhares sobre Pascal vindos de diversas partes do nosso país, em um rico

³ Tradução em *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir, e outros escritos de ciência, política e fé*. Org., trad. e notas de Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017, p. 108.

⁴ O programa do evento encontra-se disponível no link <https://www.pucsp.br/labo/coloquio-400-anos-de-nascimento-de-blaise-pascal>

evento. O presente volume não pôde abarcar todas as contribuições ao colóquio, cujo número demonstrou um interesse vivo em nosso país pelo pensamento do autor.

As investigações que compõem o presente volume foram divididas em duas seções. No primeiro bloco, o leitor entrará em contato com estudos que, concentrando-se quase que exclusivamente sobre textos de Pascal e de comentadores de sua obra, visam aclarar aspectos específicos de seu pensamento. Os estudos que compõem a segunda parte, por seu turno, alinham teses pascalianas a argumentos de outros grandes autores para, através das similaridades e dos contrastes, levar o leitor a uma compreensão mais profunda das ideias do filósofo.

No primeiro artigo do volume, acompanhamos Luís César Oliva revisitando as inesgotáveis linhas da aposta de Pascal. Dando continuidade a suas investigações prévias, Oliva se foca sobre o último momento lógico da argumentação do fragmento Laf. 418/Br. 233, no qual o libertino, já convencido de que deve abraçar a religião, se confessa incapaz de fazê-lo. A abordagem da famosa aposta a partir dos conceitos pascalianos de *convencimento* e *persuasão* é original e reveladora – e, por si só, confere ao estudo de Oliva inestimável valor. Vale ressaltar que o texto integra uma investigação muito mais ampla, que foi publicada pela editora Paulus em 2023, sob o título de *Natureza e Graça em Blaise Pascal*.

Na sequência, temos um belíssimo trabalho de Manoel Vasconcellos, que se debruça sobre um outro icônico texto pascaliano: *O Mistério de Jesus*. Refletindo sobre o esvaziamento divino e o abandono de Jesus abordados por Pascal no fragmento Laf. 919/Br. 553, Vasconcellos explora a tese de que o principal episódio da Paixão se dá no Getsêmani, e não no Gólgota.

No terceiro artigo do volume, Rodrigo Hayasi se detém na questão do autoconhecimento tal como pensado por Pascal. Analisando temas clássicos como a desproporção – física e epistemológica – do homem e a dinâmica vazia do *divertimento*, Hayasi nos leva ao âmago da antropologia pascaliana. De maneira perspicaz, o especialista sublinha a dupla negatividade que há na condição humana desenhada pelo filósofo: a negatividade que provém do fato de sermos criaturas, e aquela que se enraíza no fato de termos nos tornado pecadores.

O célebre princípio de Pascal de que “nem tudo o que é incompreensível deixa de existir” é discutido por João Cortese no quarto artigo do volume, tanto a partir dos trabalhos matemáticos, quanto dos *Pensamentos*. Pascal tem grande importância na história da filosofia, assim como o tem na história das ciências, e tal contribuição nos permite ver parte da relação entre ambas. De modo particular, observamos que Pascal coloca limites à razão sem ser por isso um irracionalista, aceitando que o que existe é superior à nossa capacidade intelectual.

A segunda seção do volume se inicia com um estudo de Luiz Felipe Pondé que sublinha a irmandade existente entre as filosofias de Pascal e de Miguel de Unamuno. Segundo o estudioso, tanto o autor francês quanto o escritor basco teriam uma “filosofia lunar” – isto é, uma filosofia que não vê na razão o elemento definidor do homem e de suas ações. O grande mérito do texto de Pondé é, portanto, não somente a exploração das proximidades entre Pascal e Unamuno, mas a própria exposição do que seria o modo “lunar” de pensar.

No artigo seguinte, Luiz A. A. Eva aborda o fascinante tema do ceticismo pascaliano, o qual é pensado sobre o pano de fundo do ceticismo que Michel de Montaigne desenvolveu, sobretudo, na *Apologia de Raimond Sebond*. Contra aqueles que veem em Pascal um mero fideísta, Eva sugere que, sob sua pena, a aceitação do cristianismo não é consequência de uma pretensa falência total da filosofia – mas que é, isto sim, o resultado do aprofundamento de suas investigações. Em particular, é notável o domínio que o comentador mostra ter tanto da obra de Montaigne quanto da obra de Pascal.

Finalmente, no último artigo do volume Ricardo Mantovani se concentra sobre a questão do conhecimento de Deus, bem como sobre as distinções que há, nesse ponto, entre Pascal e Pierre Charron – filósofo que, de resto, influenciou decisivamente o autor dos *Pensamentos*. Após apresentar uma demonstração da existência de Deus elaborada por Charron em seu *As três Verdades*, Mantovani explora os motivos teológicos e epistemológicos que teriam demovido Pascal de incluir tal prova em seu projeto de apologia cristã.

Temos certeza de que os estudos reunidos neste volume se mostrarão preciosos, tanto para aqueles que já têm um amplo conhecimento do pensamento pascaliano, quanto para aqueles que iniciam sua jornada no riquíssimo universo da filosofia deste gênio francês.

Desejamos a todos uma boa leitura!

João F. N. B. Cortese – Universidade de São Paulo (USP)

Ricardo Mantovani – Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI (FFTP)



